

# Ipea vê crescimento

MARILI RIBEIRO

SÃO PAULO – O economista Fernando Ribeiro, do Grupo de Acompanhamento Conjuntural do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), discorda das previsões dos empresários exportadores. Para ele, as exportações de manufaturados saem favorecidas com a mudança da banda cambial. Os empresários devem aproveitar a maré e melhorar sua performance, aconselha Ribeiro.

Os preços de produtos no mercado interno, no entanto, podem subir. Especialmente os eletroeletrônicos, que desde a abertura da economia criaram maior dependência de componentes importados. O aparelho de televisão pode ficar mais caro por causa do aumento de custos no setor, segundo o economista da USP Roberto Macedo, que presidiu a Eletros, associação de fabricantes do setor.

**Mudança** – Se antes a simples alteração cambial garantia a melhoria das exportações, agora a economia é sem fronteiras, fazendo surgir a figura do fornecedor global. A indústria nacional acabou substituindo seus componentes, ficando mais dependente das importações. O cenário só não fica complicado porque a tradi-

ção de exportações de manufaturados é de vender o excedente. “Até o início dos anos 90, quando se fazia uma desvalorização do câmbio, normalmente num quadro recessivo, reduzia-se a demanda doméstica e aumentava-se muito a rentabilidade da exportação **vis-à-vis** no mercado interno”, explica Ribeiro.

O quadro agora é recessivo. “E maior capacidade exportadora pode estimular recuperação mais rápida da produção industrial visando o mercado externo”, diz Ribeiro, do Ipea. O efeito real dessa desvalorização é que vai determinar o tamanho desse “incentivo”. Para Macedo, a desvalorização era inevitável. A questão é mantê-la no nível que o Governo quer. “O mercado vai testar a capacidade do governo de segurar a banda. Só então poderemos saber o reflexo nos preços internos”, diz.

Apesar da dependência de importações de componentes, o saldo ainda pode ser positivo. Os principais produtos da exportação de manufaturados já não dependem tanto das compras de matéria-prima no exterior. Os automóveis, por exemplo, que lideram o segmento com 3,5% das exportações, já não buscam componentes lá fora como antigamente.